



A PARTICIPAÇÃO FEMININA NOS CURSOS DE ENGENHARIA DA UCS: A HISTÓRIA E O PAPEL DAS ATIVIDADES DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Livia Doncatto Tessari – ldteessari@ucs.br

Valquíria Villas-Boas – vvillasboas@yahoo.com

Universidade de Caxias do Sul, Centro de Ciências Exatas e Tecnologia

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis

95070-560 – Caxias do Sul - RS

Resumo: *A engenharia é estereotipada como um campo de trabalho masculino. Historicamente as mulheres foram privadas da educação e das áreas de Ciência e Tecnologia e se fez necessário um incentivo para que seguissem na área da engenharia. O programa “Encorajando Meninas em Ciência em Tecnologia”, atividade do projeto “Engenheiro do Futuro” da Universidade de Caxias do Sul foi desenvolvido com o intuito de reverter tal situação. Este trabalho apresenta resultados de um mapeamento da participação feminina nos cursos de engenharia da UCS, buscando dados históricos desta participação e avaliando o papel da divulgação, no caso o papel do programa “Encorajando Meninas em Ciência em Tecnologia”, no aumento do número de estudantes do sexo feminino nos cursos de engenharia e tecnologias desta universidade e outras instituições de ensino superior.*

Palavras-chave: *Participação feminina, Desigualdade de Gênero, Divulgação Científica, Ciência e Tecnologia, Engenharia.*

1. INTRODUÇÃO

A Engenharia é uma profissão dominada pelos homens. Apesar das diferenças dos números relativos à presença das mulheres em engenharia nos diferentes países, de modo geral, a caracterização e concepção da engenharia como uma profissão masculina ainda é senso comum. Nas últimas décadas, o pequeno número de estudantes de engenharia do sexo feminino, bem como de engenheiras atuantes no mercado de trabalho no mundo ocidental, tem sido motivo de debate para os estudiosos que se preocupam com as questões de gênero e com a importância da participação feminina em Ciência e Tecnologia (C&T) (HASMUSSEN & HAPNES, 1991; BYRNE, 1993; ANDERSON, 1994; PATTATUCCI, 1998; EUROPEAN COMMISSION, 1999; NATIONAL SCIENCE FOUNDATION, 1999; SOARES, 2001; TABAK, 2002; STEELE *et al.*, 2002; REES, 2002; HANDELSMAN, 2007).

É fato conhecido que, quando crianças, meninas ganharão bonecas e meninos ganharão blocos de montar, carrinhos e pistas de corrida. Tal situação é muito mais antiga do que podemos imaginar. Segundo Leta (2003), a ciência - como os blocos de montar, carrinhos e pistas de corrida - sempre foi vista como uma atividade realizada



por homens, aonde as mulheres eram excluídas para “brincarem de casinha”. Ao sexo frágil não era permitido votar ou estudar. Cabral e Bazzo (2005) comentam:

“Historicamente, as mulheres foram afastadas do círculo criativo e líder da produção científica e tecnológica. Isso limitou sua atuação fora da esfera privada da casa e foi, séculos após séculos, evidenciado pela sua ausência e condução em carreiras como física, química, biologia, matemática, engenharia e computação. Essas áreas desenvolveram-se ao sabor de valores considerados historicamente como masculinos – certeza, eficiência, controle, ordem.”

Cabral e Bazzo (2005) ainda ressaltam os três momentos-chave na história aonde as mulheres são recompensadas na luta pelo acesso à educação: em meados do século XVIII, entre o Renascimento e a Revolução Científica aonde – mesmo que fora da lei - elas começaram a ler e escrever; cem anos depois até a metade do século XX, em que todas as mulheres puderam ingressar no ensino superior; e, agora, estudando as razões pelas quais elas foram privadas das capacitações científicas.

Apesar do enorme avanço na C&T que ocorreu no Brasil nas últimas décadas do século XX, e das profundas transformações do status jurídico da mulher e de sua condição social, as carreiras científicas e tecnológicas não passaram a constituir uma prioridade para as estudantes que concluem o ensino médio (TABAK, 2002).

No Brasil, o processo de inserção das mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas ocorreu nas mesmas proporções que em outros países do mundo, entretanto, durante boa parte do século XX ainda havia um grande preconceito relacionado às mulheres estarem aptas ou até mesmo capacitadas intelectualmente para seguirem na carreira científica. Em uma reportagem do jornal “O Estado de São Paulo” (ESTADÃO, 2013), Evelyn Bloem Souto, que em 1957 era a única mulher da primeira turma de Engenharia Civil da Escola de Engenharia de São Carlos, relatou que:

“A primeira bolsa que consegui foi em Paris. Eu e mais 10 alunos homens fomos visitar um túnel que estava sendo feito para ligar a França à Itália. Eu fiz questão de estar lá porque sabia que posteriormente teríamos de construir túneis no Brasil, mas não queriam que eu entrasse. Fizeram com o que eu me vestisse de homem, colocasse galochas, prendesse o cabelo e desenhasse barba e bigode no meu rosto. Só assim pude verificar as obras. Essa foi a maior prova de preconceito que sofri na época.”

Este não foi o único momento de preconceito a que Evelyn foi submetida, mas apesar dos momentos desconfortáveis ela conquistou seu espaço pela competência e, não demorou muito, para que Souto se tornasse a chefe do departamento que ajudou a criar, fazendo-se presente em processos importantes do desenvolvimento da Escola de Engenharia de São Carlos.

Tabak (2002) questiona a razão de até hoje tão poucas mulheres seguirem na área de Ciência e Tecnologia. Aliado a este pequeno número de mulheres interessadas nesta área no Brasil, é bem sabido que atualmente, nosso país vive uma grande carência de profissionais de engenharia. O resultado do censo demográfico de 2010 do IBGE comprova que o interesse na engenharia estava 20% menor na década passada e que os jovens estão despertando para a profissão na década atual. No entanto, ainda há um

déficit: todo ano formam-se perto de 50 mil profissionais, quando a necessidade é de pelo menos 100 mil profissionais/ano (GAZETA DO POVO, 2012). Programas de incentivo e valorização da participação feminina na área de C&T apresentam-se como uma solução através da qual esse quadro poderá ser revertido.

Figura 1 – Meninas colocando a mão na massa durante as oficinas do EMC&T.



Com o intuito de modificar esta realidade, pelo menos a nível local, a Universidade de Caxias do Sul (UCS), através do Projeto Engenheiro do Futuro (ENGFUT) (VILLAS-BOAS, 2010; VILLAS-BOAS & MARTINS, 2012) iniciou, em 2009, um programa, somente para meninas, intitulado “Encorajando Meninas em Ciência e Tecnologia (EMC&T)” (<http://www.emeninasct.blogspot.com.br/>). Este programa teve como objetivo introduzir as meninas a diferentes aplicações tecnológicas, conceitos e problemas reais de ciência e engenharia com o objetivo de encorajá-las a considerar carreiras nos campos científicos e tecnológicos. Para ingressar no programa as estudantes deveriam estar cursando a 2ª série do ensino médio nas escolas públicas e particulares de Caxias do Sul e região, e demonstrar um mínimo interesse em C&T.

Foram proporcionadas a essas estudantes atividades relacionadas às engenharias e às ciências exatas, tais como: oficinas mão na massa, palestras com especialistas da área, visitas a empresas da região, bate-papos com alunos e profissionais de cada área das engenharias, etc... (vide “Figura 1” e “Figura 2”).

Figura 2 – Diversos Bate-Papos com os estudantes e profissionais com as meninas do EMC&T.



Um total de 92 meninas participou das três edições deste programa que ocorreram de setembro de 2009 a dezembro de 2011.

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de um mapeamento da participação feminina nos cursos de engenharia da UCS, buscando dados históricos desta participação e avaliando o papel da divulgação, no caso o papel do programa EMC&T, no aumento do número de estudantes do sexo feminino nos cursos de engenharia e tecnologias desta universidade e outras instituições de ensino superior. A pesquisa realizada foi de caráter quantitativo a partir do levantamento de dados de alunas ingressantes no vestibular e alunas egressas para todos os cursos de

engenharia e tecnologia. Os dados foram levantados junto à Divisão de Registros (DIRA) e ao Núcleo de Processamento de Dados (NPD) da UCS, e junto ao FACEBOOK.

2. METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, os dados relativos às estudantes ingressantes no vestibular e alunas egressas da UCS foram obtidos junto ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET) e ao DIRA. Estes dados incluíram os campi de Caxias do Sul e Bento Gonçalves para os seguintes cursos desde sua origem até o primeiro semestre de 2012: Tecnologia de Automação Industrial, Tecnologia em Polímeros, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia de Materiais, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Eletrônica, Engenharia Mecânica e Engenharia Química.

Além disso, “conversas” através do *Facebook* foram travadas com as participantes do EMC&T para saber os cursos que optaram como profissão a fim de quantificar quais seguiram na área de C&T e quais não.

3. RESULTADOS

A UCS, desde sua fundação em 1967, conta com cursos de C&T. O primeiro, na época, chamava-se Engenharia Operacional Mecânica de Máquinas, e atualmente é o curso de Engenharia Mecânica (PORTAL UCS, 2013). Hoje a instituição conta com 13 cursos de C&T incluindo as engenharias e tecnologias e o bacharelado em Química.

Os dados obtidos com o NPD e o DIRA mostram que a participação feminina nos cursos de C&T da UCS segue a estereotipagem: a Engenharia de Alimentos e a Engenharia Química são dominadas pelas mulheres. Em contraposição a Engenharia Mecânica e a Tecnologia de Automação Industrial apresentam o menor número de egressas. Vale a pena mencionar que a Engenharia Elétrica e a Engenharia de Controle e Automação não possuem nenhuma egressa até 2012. Esses dados estão reunidos na “Tabela 1”.

Tabela 1 – Alunos Formados nos Cursos de C&T da UCS até o segundo semestre de 2012

	Feminino		Masculino		TOTAL
	número	porcentagem	Número	porcentagem	número
Automação Industrial	5	1,2%	403	98,8%	408
Engenharia Ambiental	41	45%	50	55%	91
Engenharia Civil	0	0%	0	0%	0
Engenharia de Alimentos	57	89%	7	11%	64
Engenharia de Controle e Automação	0	0%	2	100%	2
Engenharia de Materiais	4	18,2%	18	81,8%	22
Engenharia de Produção	44	18,9%	189	81,1%	233
Engenharia Elétrica	0	0%	31	100%	31
Engenharia Eletrônica	0	0%	0	0%	0
Engenharia Mecânica	21	2,4%	844	97,6%	865
Engenharia Química	242	55,1%	197	44,9%	439
Tecnologia em Polímeros	58	29,4%	139	70,6%	197
TOTAL	472	25%	1880	75%	2352

Seguindo a tendência nacional, A UCS, até 2012, possuía 1880 alunos graduados em C&T, sendo do sexo feminino apenas 472, o que representa 25% do total, como apresentado na “Tabela 1”.

Os cursos de Tecnologia em Automação Industrial, Engenharia Civil e Engenharia Eletrônica não possuem alunos graduados até a data da obtenção dos dados. Esses dados também comprovam a carência do sexo feminino nos cursos de C&T da Universidade de Caxias do Sul aonde apenas 25% de todos os alunos formados são do sexo feminino. Em relação ao total de alunos matriculados, apenas 20,3% são mulheres como apresentado na “Tabela 2”. Provavelmente devido a uma evasão maior entre os alunos do sexo masculino, o número total de alunos formados do sexo feminino é superior ao número total de alunos matriculados do sexo feminino. Estudos sobre esta questão estão em andamento na UCS.

Tabela 2 – Alunos Matriculados nos Cursos de C&T da UCS até o segundo semestre de 2012.

	Feminino		Masculino		TOTAL número
	número	porcentagem	Número	porcentagem	
Automação industrial	1	0,8%	120	99,2%	121
Automatização Industrial	2	2,2%	87	97,8%	89
Engenharia Ambiental	197	64%	111	36%	308
Engenharia Civil	112	30,5%	255	69,5%	367
Engenharia de Alimentos	71	78,9%	20	21,1%	91
Engenharia de Controle e Automação	18	6,8%	248	93,2%	266
Engenharia de Materiais	62	15%	152	85%	214
Engenharia de Produção	166	15,7%	888	84,3%	1054
Engenharia Elétrica	12	2,9%	398	97,1%	410
Engenharia Eletrônica	3	3,4%	85	96,6%	88
Engenharia Mecânica	49	3,3%	1424	96,7%	1473
Engenharia Química	315	62,4%	190	37,6%	505
Tecnologia em Polímeros	18	26,9%	49	73,1%	67
TOTAL	1026	20,3%	4027	79,7%	5053

Quanto às participantes do EMC&T não foi possível estabelecer contato com todas as 92 meninas, contudo das 55 meninas que responderam à pesquisa, 25 cursam C&T, uma cursa licenciatura em matemática contra 26 que estão em outras áreas e 3 que não estão estudando. Duas das que não estão na faculdade optaram por apenas trabalhar, enquanto a outra não compareceu à matrícula no curso de Física da UFSC por problemas de saúde (ver “Tabela 3”). Esses dados revelam que das 55 meninas que responderam à pesquisa 47,3% optaram por cursos na área de C&T.

Tabela 3 – Ocupação atual das Meninas do Programa Encorajando Meninas em Ciência e Tecnologia.

	Número	Porcentage m
Não estão estudando	3	5,4%
Estudam engenharia	25	45,5%
Estudam matemática	1	1,8%
Estudam outros cursos	26	47,3%
TOTAL	55	



Entre os cursos de C&T em que as participantes do EMC&T escolheram estão Engenharia Química, Engenharia de Materiais, Engenharia de Produção, Engenharia Mecânica, Engenharia de Energia, Engenharia Ambiental, Engenharia de Saneamento Ambiental e Engenharia Aeronáutica.

Apresentamos a seguir alguns comentários das participantes do EMC&T sobre o programa e sobre o que estão fazendo no momento atual:

7 de maio

**Marcele Ulian Triaca**

20:50

Decidir que profissão seguir, qual o melhor curso de graduação para cada um, é uma escolha muito difícil para a maioria dos jovens. Pois além de acontecer um pouco cedo, muitas vezes não sabemos realmente onde atua o profissional que almejamos ser. Por isso torna-se fundamental projetos que incentivam alunos de ensino médio, principalmente, a conhecer um pouco mais sobre a profissão que desejam seguir. Com essa intenção de conhecimento é que eu decidi participar do Encorajando Meninas para a Ciência e Tecnologia, projeto realizado pelo Engenheiros do Futuro na Universidade de Caxias do Sul. Com ele eu pude conhecer um pouco mais sobre o que é ser um engenheiro, e principalmente, uma engenheira, quais os obstáculos que nós mulheres podemos passar durante a nossa vida profissional, todos os méritos já conquistados, pontos de atuação, matérias relacionadas aos cursos de ciência e tecnologia, entre outras trocas de experiências com profissionais ativos nessas áreas, incluindo visitas a empresas. Para mim foi um passo muito importante, pois foi a partir disso que decidi entrar para o Curso de Engenharia Química, só assim tive a oportunidade de ver na prática e ter mais informações sobre qual caminho seguirei em minha vida profissional.

14 de maio

**Cristina Marcolla Carnelos**

22:36

O Encorajando foi uma experiência interessante. Até aquele momento eu nunca havia me relacionado a um ambiente acadêmico, e com o programa tive essa oportunidade. Não só de andar pela universidade, utilizando recursos que antes não conhecia, mas também de conviver com professores e em muitas ocasiões alunos universitários. O projeto também é interessante, pois apresenta as engenharias de uma maneira diferente. Quando estamos na escola o que vem à mente é: "gosto de matemática e física, vou fazer engenharia", mas normalmente o nosso conhecimento é muito vago. O projeto apresentou os variados campos de atuação e mostrou que não é só de matemática e física que é feita a engenharia. E, mesmo tendo optado pelo design de produto como curso superior (que parece um tanto distante, mas na prática é bastante relacionado), acabei descobrindo que meu interesse pela engenharia continua, e pretendo, após a graduação, ingressar em um segundo curso, o de engenharia de materiais, complementando minha formação.



14 de maio

**Débora Guerra Salvador**

16:30

Sempre me interessei bastante pela área das exatas, principalmente das Engenharias, por esse motivo quando fiquei sabendo do Projeto Encorajando Meninas fiquei muito motivada, e felizmente pude participar do mesmo no meu ensino médio. O projeto me proporcionou entender mais sobre os cursos de engenharia, conversando com profissionais e estudantes da área, participando de oficinas e visitando empresas. Com isso, aprendi o dia-a-dia de um engenheiro. Para mim foi uma experiência incrível, pois vivenciei na prática o que antes eu apenas imaginava. Certamente foi o que me fascinou pelas Engenharias e me direcionou ainda mais para o curso de Engenharia Química, o qual frequento hoje.

3 de Junho

**Délis Horbach**

22:05

Adorei fazer o Programa Encorajando Meninas em Ciência e Tecnologia e com certeza se não tivesse me "achado" na parte de RH faria engenharia de produção ou engenharia mecânica, estou adorando a parte de calculo na administração se terminar a graduação no tempo que pretendo faço alguma engenharia, talvez de produção que envolve a liderança, quem sabe do futuro?!

9 de maio

**Thalita Slomp Cioato**

12:09

Oi, hahaha nossa quanto tempo. Então, depois de fazer dois intercâmbios eu decidi optar por Comercio Exterior. Pois quando voltei, eu nao estava preparada pra o vestibular, sem falar que perdi todos os prazos. Mas se um dia tiver a oportunidade de fazer engenharia, gostaria muito de fazer engenharia civil.

**Thalita Slomp Cioato**

12:10

Aaaa e hoje trabalho na minha área no departamento de exportação

7 de maio

**Franciele Antunes**

19:25

Eu nao segui na area, estou indo pra comunicação

ainda acho muito interessante e curiosa a engenharia, mas nao e isso o que eu quero pra mim iouhashouaihe

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada confirmou a tendência apresentada em outras pesquisas anteriormente publicadas (TOZZI & TOZZI, 2010), ou seja, a participação feminina nos cursos de C&T da UCS tem o maior número de representantes nos cursos de Engenharia de Alimentos e Engenharia Química, e o menor número nos cursos de Engenharia Mecânica, Elétrica e de Controle e Automação.

Seguindo a tendência nacional, até 2012, a UCS possuía 1880 alunos graduados em C&T, sendo do sexo feminino apenas 472, o que representa 25% do total. No que diz respeito aos alunos atualmente matriculados, o percentual do sexo feminino equivale a 20,3% do total. Provavelmente devido a uma evasão maior entre os alunos do sexo masculino, o número total de alunos formados do sexo feminino é superior ao número total de alunos matriculados do sexo feminino. Estudos sobre esta questão estão em andamento na UCS.

Quanto ao papel do Programa “Encorajando Meninas em Ciência e Tecnologia”, os dados mostram que um percentual de 47,3% das participantes optaram por cursos na área de C&T. Neste contexto, acreditamos que atividades como essas são fundamentais não somente para motivar as estudantes ensino médio a escolherem cursos na área de C&T, mas principalmente para dar-lhes oportunidade de interagir com profissionais da área, para vivenciarem ambientes de trabalho e entenderem a diferença que há entre as diversas habilitações da engenharia.

Uma política pública para incentivar as estudantes a buscar carreiras nas áreas de C&T seria muito bem vinda, especialmente, se iniciada no ensino fundamental. E como disse a Dra. Hilary Rose, socióloga britânica especializada em sociologia da ciência e em políticas públicas (EUROPEAN COMMISSION, 2003):

“Statistics are central, the Word comes from ‘numbers for the state’, if you wish to have policy, you have to have competent statistics. No statistics, no problem, no policy. You get gestures. Statistics help identify problems and can monitor the effectiveness of remedies”

Agradecimentos

À FINEP, à UCS e ao CNPq pelo apoio financeiro. Às meninas participantes do EMC&T pela colaboração respondendo às mensagens do FACEBOOK.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.^a aluna de Engenharia Civil da USP São Carlos teve de desenhar barba e bigode. **O Estadão [online]**, São Paulo, 8 março 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,1-aluna-de-engenharia-civil-da-usp-sao-carlos-teve-de-desenhar-barba-e-bigode,1006322,0.htm>> Acesso em: 9 mar. 2013.

ANDERSON, V. How engineering education shortchanges women, J. Women and Minorities in Science and Engineering, v. 2, p. 99-12, 1994.

Apresentação Engenharia Mecânica, **Portal UCS**. Disponível em: <<http://www.ucs.br/portais/curso107/apresentacao/>> Acesso em: 12 fev. 2013.

Brasil tem déficit de 40 mil engenheiros. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 mar. 2012. Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-universidade/carreira/conteudo.phtml?id=1237253&tit=Brasil-tem-deficit-de-40-mil-engenheiros>> Acesso em: 9 mar. 2013.

BYRNE, E. *Women and Science: The Snark Syndrome*. London, England: The Falmer Press, 1993.

CABRAL, C. G. ; BAZZO, W. A. As Mulheres nas Escolas de Engenharia Brasileiras: História, Educação e Futuro. *Revista de Ensino de Engenharia*, Passo Fundo, v. 24, n. 1, p. 3-9, 2005.

European Commission, (1999), “Women and Science, Proceedings of the Conference, Brussels, Luxembourg: OPOCE, 1998. 217 p. il.

European Commission (2003), “She figures 2003: Women and science statistics and indicators”, Belgium. Office for Official Publications of the European Communities.

HANDELSMAN, J. Women “take back seat” in science. *Science Magazine*. US: University of Wisconsin-Madison, 2007.

LETA, J. As Mulheres na Ciência Brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003.

PATTATUCCI, A. *Women in Science, Meeting Career Challenges*. Ed. England: SAGE Publications, 1998.

RASMUSSEN, B. ; HAPNES, T. Excluding women from the technologies of the future? A case of the culture of computer science, *Futures*, v. 10, p. 1107-1119, 1991.

REES, T. *National Policies on women and science in Europe*, Luxembourg: OPOCE, 2002, 140 p. il.

SOARES, T. A. *Mulheres em Ciência e Tecnologia: Ascensão Limitada*, *Química Nova*, v. 24, n. 2, p. 281-285, 2001.

STEELE, J. ; JAMES, J. ; ROSALIND, B. *Learning in a Man’s World: Examining the Perception of Undergraduate in Male-dominated Academic Areas*. *Psychology of Women Quarterly*. Ed. Blackwell Publishing, v. 26, p. 46-50, 2002.

TABAK, Fanny. *O Laboratório de Pandora*, Rio de Janeiro: GARAMOND, 2002. 262 p. il.

TOZZI, M. J. e TOZZI, A. R. A Participação das Mulheres nos Cursos de Engenharia do Brasil. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia, 2010, Fortaleza. XXXVIII Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia, 2010.



VILLAS-BOAS, V. UCS-PROMOVE: The engineer of the future, *European Journal of Engineering Education*, v. 35, n. 3, p. 289-297, 2010.

VILLAS-BOAS, V. ; MARTINS, J. A. . Projeto Engenheiro do Futuro: promovendo as engenharias entre os estudantes de ensino médio. *Dynamis*, v. 18, p. 3-17, 2012.

Women, Minorities and Persons with Disabilities in Science and Engineering. National Science Foundation (NSF). Arlington, VA: NSF, p. 99-338, 1998.

THE PARTICIPATION OF WOMEN IN ENGINEERING COURSES AT UCS: THE HISTORY AND THE ROLE OF SCIENTIFIC OUTREACH ACTIVITIES

Abstract: *Engineering is stereotyped as a male workplace field. Historically, women have been deprived from education and access to the Science and Technology areas and an incentive became necessary to motivate them to follow in engineering. The program "Encouraging Girls in Science and Technology", an activity by the project "Engineer of the Future" from Universidade de Caxias do Sul (UCS), was developed in order to reverse this situation. This paper presents results of mapping female participation in UCS engineering courses seeking historical data of this participation and evaluating the role of the program "Encouraging Girls in Science in Technology" in increasing the number of female students in engineering and technology courses at UCS and other higher education institutions.*

Key-words: *Female participation, Gender Inequality, Science Communication, Science and Technology, Engineering*